

## **PASSADO, PRESENTE E FUTURO ECOANDO NO ATLÂNTICO SUL: CONEXÕES ENTRE ARTE E ATIVISMO.**

Carol Barreto<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto traz relatos e reflexões sobre a assinatura coletiva de uma obra de arte, que tem o vestuário e a moda como elementos centrais de investigação. Problematisa as demandas políticas das relações culturais entre os continentes do Sul Atlântico, como uma forma de provocação dos padrões impostos como modelo para produção de conhecimento, compreendendo a relação entre Arte e Ativismo como centrais à contribuição ao ativismo feminista e antirracista, no trabalho de concepção da Performance Artística Coleção Asè. A autora se coloca no texto conjuntamente às pessoas - autoras com as quais factivelmente dialogou e por meio da experiência, propõe a reflexão sobre arte como forma de intervenção social.

**Palavras-chave:** Design de Moda; Arte; Ativismo; Racismo; Feminismos.

A Antônia estava feliz, não só porque a sinhá tinha passado a sair mais de casa e sempre a levava como companhia, mas também porque tinha ganhado roupas novas muito bonitas, parecidas com as roupas das vendedoras do ancoradouro, mas de um tecido muito mais elegante, seda, que a sinhá preferia chamar de silk. Quando saíam, ela também usava algumas jóias emprestadas pela sinhá, colares e pulseiras de ouro, e um broche no bonito pano-da-costa jogado sobre o ombro direito. A sinhá ia principalmente às casas de algumas senhoras, novas amigas da sociedade, e a Antônia ficava esperando no quintal ou na cozinha, conversando com as pretas da casa e as acompanhantes das visitas, todas sempre muito bem arrumadas. Ela disse que as sinhás se sentiam vaidosas por estarem acompanhadas de pretas bem-vestidas e educadas, como eu de fato pude perceber quando fui trabalhar para os ingleses. (GONÇALVES, p. 134, 2006 )

Li esse trecho do livro "Um defeito de Cor", de Ana Maria Gonçalves, enquanto a performer Val Souza adentrava à cena no Teatro do Goethe Institut, ICBA. A performance Coleção Asè, em sua terceira versão, e mais uma vez concebida coletivamente - como têm sido nossos processos criativos desde 2015 - arrebatou a platéia em lágrimas. O texto por mim

---

<sup>1</sup> Caroline Barreto de Lima é Designer de moda, Professora Adjunta do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo - DEGF – Universidade Federal da Bahia - UFBA. Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, sob orientação da Profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira.

interpretado em língua portuguesa brasileira, para uma platéia composta pelo público soteropolitano e pelos participantes da Conferência Ecos do Atlântico Sul - evento cujo idioma oficial foi o inglês - fazia referência ao local onde estávamos: o corredor da Vitória, na cidade de Salvador na Bahia. A diferença do idioma foi transcendida pela criação musical assinada por Laila Rosa, Iuri Passos e grupo Rum Alagbè do Terreiro do Gantois, e trazia os sagrados instrumentos do terreiro, tocados pelas meninas da casa, acompanhado pelo violino elétrico e voz de Laila Rosa.



Performance Artística Coleção Asè. Foto: Israel Fagundes.

A mulher negra escravizada que servia de ostentação para as mulheres brancas do período colonial, interpretada por Val Souza<sup>2</sup>, caminhou de modo sombrio desde a rua para dentro do teatro, e acompanhada de toda a platéia do espetáculo, passando pela galeria de arte onde parte da obra também estava em exposição, conduzia as pessoas à arquibancada do teatro, para que no palco fosse ao encontro do nosso passado, presente e futuro. Lá dentro, sentada numa cadeira e ladeada por um par de sapatos brancos bordados com búzios e destacado pela iluminação cênica, eu começo a leitura, tentando expressar na entonação da fala, a consciência de que muitas de nós, mulheres negras, ainda não saímos desse lugar. A música ornava a leitura dramática com a performance de Val - vestida com a peça intitulada Marabo, que integra a obra Coleção Asè - doa sua corporalidade e intelecto para

---

<sup>2</sup> Nascida em São Paulo, Val Souza é mestranda pela Universidade Federal da Bahia, pesquisadora e performer, desenvolve trabalhos onde seu corpo é a principal ferramenta. Selecionada no Programa de Residência Artística do Instituto Sacatar.

contextualizar a maneira como, mesmo com as dores e opressões que carregamos, sempre tivemos o amparo das nossas comunidades de resistencia para re-existir.

### **Passado, presente e futuro: Ecos do Atlântico Sul**

A performance artística “Coleção Asè” compôs a programação da conferência internacional “Ecos do Atlântico Sul – Sobre o futuro das relações transatlânticas do Sul”, realizada de 23 a 25 de abril, em Salvador, Bahia, cidade de grande relevância histórica nesse contexto temático. Mais de 60 artistas, curadores, cientistas e pensadores nacionais e internacionais, vindos de países da África, Europa e América do Sul, foram convidados para o evento, que ocupou o Goethe-Institut Salvador-Bahia e a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

As questões que debatemos nesses dias nos provocaram a pensar: Qual a importância do Triângulo Transatlântico no século 21? Que tipo de posição a Europa vai assumir frente à África e à América do Sul, depois de ter feito o papel de hegemonia colonial, em diferentes nuances, durante os últimos 500 anos? Uma busca por uma abordagem interdisciplinar, multi-espacial e multi-temporal, unindo vozes de variadas experiências e origens. Dentre essas linguagens, pensamos arte como forma de produção de conhecimento numa perspectiva decolonial<sup>3</sup>.

Sob curadoria de Ines Linke e Uriel Bezerra, a exposição coletiva, homônima ao título da conferência reuniu vídeos, fotografias, objetos, serigrafias, esculturas sonoras, cartazes e performances de um grupo internacional de 15 artistas/coletivos que, por meio de seus trabalhos, comentaram as relações complexas entre os países que compõem o Atlântico Sul. Segundo o texto curatorial: *“Cada artista compõe uma espécie de “história alternativa” que desafia a historiografia coletiva. Em seus trabalhos, os artistas examinam trocas, investigam relações, diluem localizações geográficas, destacando suas ressonâncias no tempo presente. As perspectivas individuais, implícitas em imagens, sonoridades, documentos, vestígios, instrumentos e peças, ecoam as histórias coloniais e pós-coloniais, as diásporas, migrações globais e processos transculturais”*.

---

<sup>3</sup> CURIEL, Ochy. 2007

Nesse contexto construímos uma instalação com parte da obra “Coleção Asè”, problematizando a relação entre Brasil, Portugal, Angola e Nigéria por meio de uma interpretação da indumentária das mulheres de religião de Matriz Africana no Brasil. A peça intitulada Inaê, foi construída por uma saia confeccionada com a colcha de cama que integrou o enxoval do casamento de meus avós em Santo Amaro na década de 1950, confecção artesanal com bordado Richelieu que nasce da rica tradição da técnica têxtil do Nordeste do Brasil transformada na obra em ferramenta de luta antirracista. A instalação conta com projeção de um vídeo de Edgar Azevedo e Helemozão.

### **Asè emana Luz, energia vital e beleza!**

A Coleção Asè nasce com inspiração nas marcas da afrobrasilidade, sob o impacto do retorno à terra de onde saíram nossos ancestrais, reverenciando nossa história de negritude no Brasil. O ponto de partida é o imaginário alimentado durante décadas, por meio da oralidade, de rituais religiosos e culturais, por africanos escravizados no Brasil, de retorno à nossa terra original. Asè vem para manifestar o protagonismo das mulheres negras nas religiões de matriz africana. Mulheres negras que nos espaços religiosos têm garantido o seu protagonismo e autonomia, diferentemente do lugar de subalternidade que muitas ocupamos cotidianamente e que nos impõe a luta constante contra o racismo. Na predominância da cor branca, tecidos leves e fluidos, enriquecidos por bordados manuais, traduzidos em peças que são as bases para as rendas artesanais e outras técnicas de beneficiamentos de tecido, que fazem menção à essas Rainhas que são as Iyalorixás, Mestras da Jurema, Umbanda, Xangôs do Nordeste, Candomblés de Caboclo... Na leveza da espiritualidade, transformando a luta em força e beleza.

Com o crescente aumento das denúncias de racismo e intolerância religiosa, a oportunidade de levar uma coleção para desfilarmos em Luanda, no *Angola International Fashion Show* em 2016, foi uma das justificativas para pensarmos no papel das mulheres negras e das religiões de matriz africana na constituição de uma cultura afro-brasileira. A Coleção Asè foi criada num coletivo de muitas mãos e trata também dessas violências e das invisibilidades provocadas, pois lida com afetos e memórias das pessoas componentes da equipe, ao construir os *looks* do desfile com peças doadas e cheias de história, como a toalha de mesa ainda inacabada em *crochet*, que pertencia à mãe de Cllaudia Soares - uma das estilistas e co-autora

do trabalho; a colcha de cama que foi parte do enxoval de casamento dos meus avós em 1950, os bordados retirados de blusas antigas usadas pela avó de Laila Rosa – compositora da trilha do desfile – que era integrante do Terreiro Xambá em Recife –PE.

Os têxteis artesanais adquiridos nos mercados de artes de João Pessoa – PB, Recife - PE e Salvador – BA serviram como matéria prima da coleção Asè, que se construiu a partir dos materiais de decoração feitos em renda *filet*, bordados *richelieu*, *crochet*, renda renascença e outras tramas constituídas de fios naturais e típicos de casas populares no Nordeste do Brasil. Fazeres artesanais característicos de mulheres negras e pobres, que são reinterpretados para construção das peças de roupa e da imagem da coleção, transitando da intimidade do lar para o aspecto simbólico hierárquico da passarela e da fotografia, que ainda separa e une mulheres de diversos contextos e tempos históricos diferentes.

Provocando por meio da criação, uma das reflexões caras ao campo de estudos feministas, penso na assimetria da valorização entre as esferas pública e privada, e assim fui coletando produtos artesanais feitos para casa, como os bordados especiais vendidos como porta-copos, cortinas, toalhas de mesa, colchas de cama e outros elementos socialmente desvalorizados e sempre disponíveis nos mercados populares do Nordeste. A coleção propôs uma ressignificação desses materiais, bem como uma ampliação das formas de luta política contra o racismo, ocupando a passarela de moda, galerias de arte e teatros para fazer ecoar temas ainda invisíveis.

Na construção das peças do acervo da Coleção Asè, fizemos uma imersão no Centro Técnico de Produção de Figurino do Teatro Castro Alves, um dos maiores equipamentos culturais da Bahia, e ao convocar colaboradoras voluntárias pelas redes sociais, pude contar com o apoio de cerca de 50 pessoas entre as áreas de costura, corte, modelagem, bordado, produção de moda ou como maquiadoras, fotógrafas, modelos, *designers* de acessórios e *stylists*, em sua maioria mulheres negras que são pequenas empreendedoras, artistas e ativistas da cidade de Salvador, Bahia. Trabalhamos juntas durante dois meses, num processo de troca de saberes, transformando o atelier num espaço de formação técnica, estética, política e de afetividades. No Laboratório Criativo Coletivo da Coleção Asè, unidas por um objetivo político comum - que mobilizou mulheres de crenças e religiões diversas - a luta antirracista se fez por meio do fazer artístico em moda e continua sendo umas das nossas estratégias de ativismo.

O texto curatorial da exposição da Coleção Asè, intitulada "Mostra Artística Modativismo: Carol Barreto convida Adama Paris e Goya Lopes", que aconteceu em novembro de 2017 na galeria do Goethe Institut, com expografia e sob curadoria de Juci Reis - diretora do Flotar Programa e integrante do estúdio curatorial internacional Harmonipan, situado no México, Estados Unidos e Brasil - exprime que a coleção em sua centralidade conforma a coexistência de distintas tomadas de perspectivas, apontando tópicos que conformam uma linha cultural descolonizada que demarca a situação da mulher na sociedade e a segregação racial enraizada no Brasil.

Potencializando o valor particular aos "fazeres artesanais", os quais são transmitidos através da oralidade e carregados de significado desde o modo de preparação técnica, dos ofícios, dos padrões formais e escultóricos, as criações viabilizam o estabelecimento de uma discurso incontestável sobre os "saberes" dos sujeitos negros, negando qualquer atitude estereotipada sobre o artesanato ou falsa ideia do mesmo ser um relicário (primitivo), não academicista e inautêntico. Assim, para Juci Reis curadora do trabalho:

*"A Coleção Asè, explora o universo estético e religioso das mulheres negras, conformando um olhar acerca da cultura popular e as relações de gênero e raça no Brasil. O tema central da coleção está relacionado aos "sujeitos protagonistas" e grupos subalternizados" trazendo assim implicações diretas para a representação social e identidade. A ação criativa revaloriza a cultura popular, e ao mesmo tempo aponta a probabilidade de existência de um elemento mais amplo que é medido pelo valor do "objeto de arte e do objeto de artesanato". Nesse ponto a coleção avança atuando como agente hibridizador, sem reduzir ou criar análises dicotômicas, assumindo uma atitude criativa que aproximam esses elementos, através de ações que reforçam a singularidade e potência de cada um."*

### **A trilha e a composição coletiva da obra...**

Celebrando a fé na espiritualidade, abrimos nossa gira no palco e com um hino da Umbanda, contemplando também a minha aproximação com esse universo e fazendo questão de tecer esse diálogo entre as diferentes referências de sagrado de matrizes africanas e afro-brasileiras na Coleção Asè. Segundo Laila Rosa, autora da trilha sonora:

*"Em novembro de 2016 fomos para o estúdio gravar um encontro de combinações musicais "simples": vozes, violino elétrico, trio de atabaques, gã e efeitos, e igualmente ricas, por serem de um lado, marcadas pela complexidade timbrística, harmônica e rítmica do trio de atabaques (rum, rumpi e le), de outro, pela combinação inusitada com o violino elétrico. Foram levados por Laila os temas no violino elétrico, algumas mitologias dos orixás*

*femininos, as Iabás (PRANDI, 2001) e o desejo de que tivéssemos as 3 nações – Jeje, Ketu e Angola - sonoramente representadas. Iuri (direção musical da percussão e gã), Adeline, Brenda e Daniela, definiram quais seriam os 3 toques: 1. Savalu (jeje), por ser comum a vários vodunsi; 2. Daró (Ketu), por ser um padrão rítmico representativo do orixá feminino Iansã e 3. Barravento (Angola), por ser representativo da nação Angola e tocado “de mão” (sem os aguidavis/varetas). Gravamos as percussões e, por fim, as vozes, violinos e sanfona em 1 das 3 faixas. Além da gravação, foram incorporadas ainda bases eletrônicas e um hino da umbanda, cantado, para “abrir” e “fechar” os trabalhos, pelo “axé” de sua presença na trilha e durante o desfile ”.*

Uma produção musical ativista feminista e anti-racista elaborada pela compositora Laila Rosa, em processo criativo colaborativo com Iuri Passos e o Projeto Rum Alagbè, num engajamento esteve presente em todas as dimensões da produção da Coleção Asè e da trilha sonora que culminou no desfile no Angola International Fashion Show em Luanda, Angola, e depois com execução ao vivo num desfile-performance no Teatro Castro Alves, e na sua terceira forma de apresentação como Performance Artística no Teatro do Goethe Institut, sob a perspectiva do debate proposto pela Conferência Ecos do Atlântico Sul.

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Etnomusicologia, Profa, Dra. Laila Rosa, reconhecendo a perspectiva feminista e antirracista do trabalho do Rum Alagbè, convidou Iuri Passos, também professor da Escola de Música da UFBA, pesquisador em etnomusicologia e Alagbè do Terreiro do Gantois. Como idealizador do projeto Rum Alagbè; ele ensina desde 2001 os ritmos sagrados de matrizes africanas, sem restrição de gênero, a crianças e jovens da comunidade do *Terreiro Ilé Iyá Omi Asé Iyamasé*, conhecido como *Terreiro do Gantois*, fundado em 1849. Numa das casas mais antigas do candomblé Ketu, o projeto Rum Alagbè constrói um debate sobre relações de gênero e tradição afro-brasileira, sob a justificativa de que muitos *Alagbês*, que são os mestres dos atabaques ou responsáveis pelos cantos e toques no Candomblé, e foram ensinados por mulheres, as Egbomí, cujo saber musical deve ser mantido vivo.

### **Dialogando sobre Arte, Moda e Ativismo com estratégia de luta antirracista**

Como moderadora de um dos painéis da Conferência Ecos do Atlântico Sul, composto por Ayesha Hameed, docente do Departamento de Artes da Universidade de Londres - UK, que como artista visual utiliza a imagem em movimento, a performance e a escrita para explorar as fronteiras e migrações contemporâneas e as culturas visuais do Atlântico Negro;



Abdulai Sila, escritor de literatura oriundo do Guiné-Bissau; Elisa Larkin, Diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros no Rio de Janeiro - BR; e Wolfgang Schneider, Diretor do Departamento de Política Cultural da Universidade de Hildesheim, na Alemanha, pudemos debater as fronteiras entre arte e ativismo no contexto proposto pela conferência, um debate emergente internacionalmente.

Ayesha Hameed e seu projeto Black Atlantis, traz uma provocação sobre a forma como a ficção pode ajudar a desenhar outras perspectivas de futuro. Numa outra parte da apresentação ela apresenta The Rough History (da destruição de impressões digitais) - e analiso como conecta-se ao fluxo contrário da busca humana, pensando filosoficamente no que significa destruir-se para integrar-se, desidentificar-se para integrar-se, integrar-se como forma de sobrevivência sendo substancialmente uma forma de sub-evencia, ou, como sub-viver para poder viver... Comparando ao processo criativo da Performance Artística Coleção Asè, emergem desse oceano de indagações a maneira população negra no Brasil ainda luta por reconhecimento do nosso caráter de humanidade. Quando na cena destacamos os sapatos como documento simbólico de alforria dos fugidos, na ação da performer que caminhou descalça desde as ruas do Corredor da Vitória ao interior da casa e apenas calça os sapatos na hora de sair da cena no teatro, rememoramos a nossa precariedade no modo como muitas vezes os fugidos precisavam conseguir sapatos como garantia de invisibilidade.

Resgatando as palavras de Abdulai Sila, ele abre seu texto com: *"todos os africanos (de ambos os lados do Atlântico), seja de uma posição engajada ou de postura camuflada, compartilham um sentimento profundamente enraizado: pontos para se ajustar à História."* Para contextualizar essa provocação, Abdulai Sila cita a Prêmio Nobel afro-americana, Toni Morrison, que caracteriza este sentimento em seu primeiro romance The Bluest Eye (1970) da seguinte forma: *"Cada membro da família em sua própria célula de consciência, cada um fazendo sua própria colcha de retalhos de realidade - coletando fragmentos de experiência aqui, pedaços de informação lá. Das pequenas impressões colhidas umas das outras, criaremos uma sensação de pertença e tentaremos nos contentar com a maneira como nos encontraremos uns aos outros "*.

Quando Abdulai Sila usa o termo africanos dos dois lados do atlântico e estamos ali pensando nas relações do Atlântico Sul, varias questões são levantadas. Como brasileiras, a rememoramos a todo tempo como a fragmentação violenta que ocorre com os navios



negreiros nos incutiu a necessidade de lutar e resistir em busca desse sentimento de pertença, de reconstrução de uma narrativa que nos ajude a construir essa colcha de retalhos e do outro lado, como os atos colonizatórios violentos - como o genocídio da população indígena local, imposição de idioma e lógica cultural européia e cristã - como imaginar sob o olhar de afrobrasileira que mesmo original - África - se pode também podem produzir essa sensação de não pertencimento e necessidade semelhante de re-construir essa colcha de retalhos? Seria um sentimento de dêspertença que também nos une? Reconhecer isso é uma postura decolonial?

O autor fala da necessidade de uma redefinição e atribuição de uma nova dimensão ao âmbito da identidade africana, e de como é essencial que um "senso de perspectiva" seja acrescentado ao "sensação de pertencer". Com a assinatura coletiva da Performance Coleção Asè, a perspectiva que se dá por meio de alteração na costumeira noção de autoria e de autoridade do que se compreende como modo de produção de conhecimento, entendendo a conexão entre ciência, arte e política, eliminando a ideia de neutralidade ao considerar o lugar de fala de cada sujeito que partilha da experiência de colonizado, para que assim possamos construir nossa memória de ambos os lados do Atlântico e sejamos capazes de alterar o que tem sido o curso da História da Humanidade dos últimos séculos.

Segundo Abdulai Sila, ao expandir e generalizar esse "sentimento de pertencimento" de uma forma tão arraigada, elaborada e perene, a questão crítica em jogo não é a reabilitação, reafirmação ou redenção do africano. É muito mais que isso. É a redefinição e atribuição de uma nova dimensão e alcance à identidade africana. A performance Coleção Asè conecta-se à fala de Abdulai, pensando essa colcha de retalhos e materializando o *patchwork* identitário a fim de redesenhar essa parte da história com humanidade, reivindicando e resistindo por meio da construção de memória - não falo preservação pois a memória inventada pra gente como população afrobrasileira, está recheada de opressão.

No mesmo campo da luta por construção de outras narrativas, atua Eliza Larkin, responsável pelo acervo de Abdias Nascimento - um dos mais importantes nomes do movimento negro no Brasil. Diretora do IPEAFRO, busca contribuir para a defesa dos direitos dos afrodescendentes, o instituto procura preservar, divulgar e ativar a memória, cultura, história e ativismo negros. O foco das ações tem sido a inclusão das relações etnicorraciais, da história e da cultura de matriz africana no ensino brasileiro.

Assim, desde o campo da educação também podemos debater a relação da Arte como forma de intervenção social. A partir dos questionamentos propostos pelo Professor Wolfgang Schneider, da Alemanha, podemos pensar: Qual seria o papel de artistas e das artes na transformação da sociedade?

*As artes permitem que as pessoas se envolvam nas realidades de sua individualidade, autodeterminação e necessidade de interconexões sociais. Desta forma, as artes têm um efeito sobre a sociedade muito além da esfera da comunicação artística per se (ou do 'mundo da arte') porque ajudam a dar às pessoas um sentido na vida e determinam as intenções e propósitos humanos. (SCHNEIDER, 2018)*

Segundo o autor, para além dos sistemas de financiamento, mercados, finanças ou economia, devemos focar muito mais na relevância social da cultura e seu potencial de transformação social e não como uma questão sobre representação, mas também de intervenção. Assim, pensando arte e cultura como fator de desenvolvimento:

*A arte, se esta assume a forma de uma "intervenção", pode fazer incursões no espaço da vida pública e influenciar a tomada de decisões sociais e políticas. A arte como intervenção pode exigir uma troca de opiniões e uma maior reflexão. Pode exigir mudanças no "mundo real" sobre nós e nosso comportamento cotidiano, revivendo espaços públicos em contextos urbanos ou atendendo a dimensões do cotidiano que antes eram consideradas "normais". Através da arte, o "normal" pode estar sujeito a surpreendentes associações estimulantes, irritações ou provocações, e gerar novas maneiras de tornar o futuro mais habitável. (SCHNEIDER, 2018)*

Como uma forma de desenhar futuros, a arte é forma de produção de conhecimento e intervenção social por meio da Performance Coleção Asè, como testemunha presente do tempo passado que não se modificou, pois, quando caminhava nessa localidade, nos dias da etapa de planejamento e produção destes eventos e trabalhos aqui citados, eu podia ver como descrito por Ana Maria Gonçalves, em Um Defeito de Cor, as mulheres brancas saindo do altos prédios com seus motoristas negros, e suas babás e empregadas domésticas negras e devidamente fardadas, e assim eu lembro que:

A sinhá ia principalmente às casas de algumas senhoras, novas amigas da sociedade, e a Antônia ficava esperando no quintal ou na cozinha, conversando com as pretas da casa e as acompanhantes das visitas, todas sempre muito bem arrumadas (...) Ela disse que as sinhás se sentiam vaidosas por estarem acompanhadas de pretas bem-vestidas e educadas,

como eu de fato pude perceber quando fui trabalhar para os ingleses." (GONÇALVES, p. 134, 2006 )

E mesmo eu, que nunca trabalhei para os ingleses, mas que reiteradas vezes ao visitar pessoas conhecidas que residem neste mesmo Corredor da Vitória, jamais esqueço do sem número de vezes em que me foi indicado acessar o elevador de serviço, mesmo eu, que nunca andei fardada dentro dos códigos vestimentares de suas escravizadas domésticas...

## Referências

ANZALDUA, Gloria. y Moraga, Cherrie. 1981. **This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color**. Persephone Press.

CURIEL, Ochy. 2007. **“La Crítica Poscolonial desde las Prácticas Políticas del Feminismo Antirracista”**, en: Colonialidad y Biopolítica en América Latina. Revista NOMADAS. No. 26. Bogotá. Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos-Universidad Central.

\_\_\_\_\_. 2007. **Los aportes de las afrodescendientes la teoría y la práctica feminista**. Desuniversalizando el sujeto “Mujeres”, en: Perfiles del Feminismo Iberoamericano, vol.III, Buenos Aires, Catálogos.

HAMEED, Ayesha. **The Rough History and the Black Atlantis**. Palestra proferida no painel 04 da conferência internacional “Ecos do Atlântico Sul – Sobre o futuro das relações transatlânticas do Sul”, 23 de abril abril, Goethe-Institut, 2018.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser Escravo no Brasil**, São Paulo, Editora [Brasiliense](#), 1982.

LARKIN, Eliza Nascimento. **O Sortilegio da Cor. Raça e Gênero no Brasil**. Sao Paulo. Instituto de Psicologia da Universidade de Sao Paulo. 2002.

LARKIN, Eliza Nascimento. **IPEAFRO**. Palestra proferida no painel 04 da conferência internacional “Ecos do Atlântico Sul – Sobre o futuro das relações transatlânticas do Sul”, 23 de abril abril, Goethe-Institut, 2018.

SILA, Abdulai. **Recreating Humanity with Humanism: Africa, the *de novo* Cradle**. Palestra proferida no painel 04 da conferência internacional “Ecos do Atlântico Sul – Sobre o futuro das relações transatlânticas do Sul”, 23 de abril abril, Goethe-Institut, 2018.

SCHNEIDER, Wolfgang. Partnership-based cooperation between the ‘Global North’ and the ‘Global South’ in Cultural Policy and Management“. Palestra proferida no painel 04 da conferência internacional “Ecos do Atlântico Sul – Sobre o futuro das relações transatlânticas do Sul”, 23 de abril abril, Goethe-Institut, 2018.

WISSEBACH, Maria Cristina Cortez. **“Da escravidão à liberdade, dimensões de uma privacidade possível”**. In: História da vida privada no Brasil República: da belle époque à era do rádio. Ed. Fernando Novais e Nicolau Sevcenko. Vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.49-130.